

Divida Externa **Japão financia, mas**

19 SET 1987

após acordo com FMI

ESTADO DE SÃO PAULO

OLIVIER UDRY

O governo japonês está abrاندando as condições para financiar a dívida do Terceiro Mundo, mas isso não significa que o Fundo Monetário Internacional deixará de ser um requisito importante para a canalização desse dinheiro. Ao contrário, um acordo com o FMI é absolutamente indispensável, pois o Japão não pode tomar qualquer iniciativa isolada, desconsiderando a ação das demais grandes potências. Ele pode tentar assumir uma liderança no processo de equacionamento da crise da dívida, mas essa liderança será muito mais financeira do que política e deve ser entendida como resultado da importância assumida pelo Japão no atual contexto da economia mundial.

Essa análise foi feita pelo diretor financeiro do Citicorp Investment Bank do Japão, Koichiro Kitade, durante um seminário reservado para executivos financeiros que lidam com moeda estrangeira e administração de risco. Na ocasião, Kitade explicou que a reciclagem do superávit comercial japonês está prevista para um período de três anos, contemplando um total de US\$ 30 bilhões, assim distribuídos: US\$ 2 bilhões para fundos especiais do Japão no Banco Mundial; US\$ 3,6 bilhões em empréstimos ao FMI; US\$ 3,9 bilhões em investimento de capital na Agência Internacional de Desenvolvimento; US\$ 8 bilhões em fundos especiais do Japão para o Banco Mundial, Banco Asiático de Desenvolvimento e Banco Americano de Desenvolvimento; US\$ 3 bilhões em empréstimos não-vinculados para o Eximbank japonês e US\$ 9 bilhões sob a forma de um empréstimo sindicalizado para o Banco Mundial através do Eximbank, do Citibank e do Overseas Economic Cooperation Fund. Na próxima reunião anual do

FMI, o governo japonês detalhará as condições desses empréstimos, mas a filosofia que prevalecerá é de diminuir as restrições existentes até hoje. A principal, segundo Kitade, é a vinculação dos recursos a projetos específicos: o governo japonês será menos rigoroso em termos de conhecer o usuário final dos recursos, mas exigirá a intermediação do FMI.

TENDÊNCIA DOS JUROS

Todos os técnicos do Citibank que realizaram palestras durante o seminário foram muito cautelosos ao tentar avaliar o cenário da economia mundial a curto prazo e seu impacto sobre os países endividados. David Young, responsável pela divisão de positioning no Banco de Investimento do Citicorp de Nova York, acredita que as taxas de juro nos Estados Unidos podem efetivamente aumentar a curto prazo, por causa do crescimento da inflação, da possibilidade de permanência de conflitos no Oriente Médio, que afetariam o preço do petróleo, da situação atual do dólar frente a outras moedas fortes e do provável fim do ciclo de crescimento econômico, que já dura há quatro anos. Ele lembrou que a maioria dos investidores em Wall Street está retraída, por não conseguir definir com precisão a tendência dos juros a curto prazo. Koichiro Kitade considera que o dólar pode oscilar numa faixa de 135 a 160 ienes, mas que fora desses limites os bancos centrais das grandes potências fatalmente intervirão de forma decisiva no mercado. Mas outro técnico do Citibank, William Simon, responsável pela área de engenharia financeira no Banco de Investimento do Citi, em Londres, teve uma opinião exatamente oposta: o dólar pode se desvalorizar ainda mais frente ao iene, caindo até 125 ienes por dólar, enquanto a cotação do marco alemão contra o dólar pode chegar, a curto prazo, a US\$ 1,55.